

O Feminismo Sul-Coreano e o Movimento 4B: Novas Perspectivas para a Igualdade de Gênero

South Korean Feminism and the 4B Movement: New Perspectives for Gender Equality

Lívia Prado Sadoyama¹

Maria Laura Andrade Franco²

Giovanna Carla Nogueira Moreira³

Ariane Citi Rodrigues⁴

Ana Clara Ribeiro Passos⁵

310

Resumo: o artigo investiga a evolução do feminismo na Coreia do Sul, com foco no Movimento 4B, que promove a independência feminina ao desafiar as normas patriarcais, como casamento, maternidade e relacionamentos heteronormativos. A metodologia baseia-se em uma análise histórica e sociocultural, a partir da revisão bibliográfica acerca do feminismo sul-coreano, e análise de matérias de jornal usadas para contextualizar de maneira atual o movimento. Os resultados indicam que o Movimento 4B reflete mudanças significativas na percepção feminina sobre papéis tradicionais, incentivando escolhas de vida mais autônomas e moldando o debate sobre igualdade de gênero no país. Contudo, o movimento enfrenta críticas por suas implicações na taxa de natalidade, nas estruturas sociais coreanas e na sua aderência ao debate de gênero binário, polarizando opiniões públicas. As conclusões destacam o caráter transformador do Movimento 4B, enfatizando seu papel no debate acerca das estruturas de gênero enraizadas na

¹ Graduação em Relações Internacionais no Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia (IERI/UFU), e-mail: livia.sadoyama@ufu.br

² Graduação em Relações Internacionais no Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia (IERI/UFU), ORCID: 0009-0001-8400-5831, e-mail: marialauraanfra@ufu.br.

³ Graduação em Relações Internacionais no Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia (IERI/UFU), e-mail: giovannac.nogueira@ufu.br

⁴ Graduação em Relações Internacionais no Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia (IERI/UFU), e-mail: ariane.rodrigues@ufu.br

⁵ Graduação em Relações Internacionais no Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia (IERI/UFU), e-mail: ana.passos1@ufu.br

Recebido em 05/01/2025

Aprovado em: 12/02/2025

Sistema de Avaliação: *Double Blind Review*



sociedade sul-coreana. No entanto, o avanço do movimento na Coreia do Sul enfrenta desafios devido à resistência social e política, refletindo a complexa interação entre progressos e retrocessos em uma sociedade, em grande parte, conservadora.

Palavras-chave: Feminismo. Movimento 4B. Coreia do Sul.

Abstract: the article investigates the evolution of feminism in South Korea, focusing on the 4B Movement, which promotes female independence by challenging patriarchal norms such as marriage, motherhood, and heteronormative relationships. The methodology follows a historical and sociocultural analysis, based on a bibliographic review about South Korean feminism, and analysis of newspaper articles used to contextualize the movement in a more contemporary way. The results indicate that the 4B Movement reflects significant changes in women's perception of traditional roles, encouraging more autonomous life choices and shaping the debate on gender equality in the country. However, the movement faces criticism for its implications on the birth rate, Korean social structures and its adherence to the binary gender debate, polarizing public opinions. The conclusions highlight the transformative nature of the 4B Movement, emphasizing its role in the debate about gender structures rooted in South Korean society. However, the movement's advancement in South Korea faces challenges due to social and political resistance, reflecting the complex interaction between progress and setbacks in a largely conservative society.

Keywords: Feminism. 4B Movement. South Korea.

1 Introdução

O feminismo na Coreia do Sul tem ganhado cada vez mais atenção nas últimas décadas, impulsionado por mudanças sociais e pelo crescente uso de redes sociais. Este movimento tornou-se um pilar na busca por igualdade de gênero em uma sociedade que historicamente manteve normas patriarcais fortemente enraizadas. Enquanto o feminismo sul-coreano está inserido no contexto global, ele também responde a questões culturais e políticas únicas, como a forte pressão social para o casamento e o papel tradicional de gênero. Dentro desse cenário, surgiram iniciativas específicas, como o movimento 4B, que desafiam diretamente as expectativas de gênero ao propor que mulheres possam escolher uma vida independente de relacionamentos e das pressões sociais para se casar e ter filhos.

Este artigo busca investigar as raízes e a evolução do feminismo na Coreia, analisando suas conquistas, desafios e as recentes iniciativas, como o movimento 4B, que refletem uma visão alternativa e radical de independência feminina. Ao compreender esses aspectos, espera-se fornecer uma visão abrangente do impacto do feminismo na sociedade coreana contemporânea e das possíveis transformações que ele poderá impulsionar, abrangendo o crescente debate da desigualdade de gênero e a violência sexual contra a mulher.

2 História do feminismo na Coreia

O movimento feminista na Coreia do Sul possui raízes que remontam ao período colonial japonês (1910-1945), quando um grupo de intelectuais e ativistas começou a questionar as normas sociais e os papéis de gênero impostos sobre as mulheres coreanas (Moon, 2005). Esse primeiro impulso feminista estava ligado aos ideais de modernização e reforma social da época, porém a consolidação de um movimento feminista estruturado ocorreu somente a partir das décadas de 1960 e 1970. Durante esse período, a rápida industrialização e urbanização do país criaram novas oportunidades, ao mesmo tempo que expuseram as mulheres trabalhadoras a condições laborais desiguais e abusivas (Kwon, 2009). Esse cenário fomentou a formação de grupos femininos e sindicatos voltados para a defesa de melhores condições de trabalho e remuneração justa, criando um espaço inicial para a defesa dos direitos das mulheres (Moon, 2005).

Na década de 1980, o movimento feminista coreano começou a se diversificar, abordando não apenas questões trabalhistas, mas também temas como violência doméstica, direitos reprodutivos e igualdade de gênero (Kwon, 2009). Em 1983, a criação do Ministério da Igualdade de Gênero e Família representou um marco importante para os direitos das mulheres, sendo um órgão fundamental para a criação e implementação de políticas públicas voltadas à igualdade de gênero e à proteção das mulheres contra abusos (Kwon, 2009). Contudo, a eficácia dessas políticas foi muitas vezes limitada por uma resistência social e cultural que dificultava mudanças significativas nas práticas cotidianas (Lee & Han, 2019).

Com o avanço da internet e o surgimento das redes sociais, o feminismo coreano passou a ter uma nova plataforma de expressão, especialmente entre as gerações mais jovens. Um exemplo disso foi o surgimento de grupos e movimentos como o "Megalia" em 2015, um movimento digital que criticava abertamente a misoginia e buscava promover o feminismo com uma abordagem que se destacou pela agressividade e irreverência (Kim, 2021). Apesar de controverso e duramente criticado por setores conservadores, o Megalia trouxe à tona a discussão sobre as desigualdades de gênero e fomentou a criação de outras organizações feministas, como o grupo "WOMAD" e a "Korean Women's Association United" (Kim, 2021).

Outro marco importante no feminismo sul-coreano foi o movimento "Me Too", que explodiu em 2018. Inspirado pelo movimento global, o "Me Too" coreano revelou casos de assédio sexual e abuso de poder em diversos setores, desde o entretenimento até a política e o

ambiente corporativo (Lee & Han, 2019). Esse movimento desencadeou uma série de protestos e ajudou a promover uma discussão mais ampla sobre a violência de gênero e a necessidade de justiça para as vítimas, aumentando a pressão para mudanças nas leis de proteção às mulheres. A partir disso, diversas figuras públicas acusadas de abuso foram julgadas e punidas, trazendo visibilidade para as lutas feministas e inspirando novas gerações de ativistas (Lee & Han, 2019).

Essas transformações abriram espaço para novas expressões do feminismo, como o movimento 4B, que desafia diretamente o papel tradicional de gênero ao encorajar as mulheres a viverem uma vida independente das pressões sociais para casamento e maternidade (Kim, 2021). Hoje, o feminismo na Coreia do Sul continua a evoluir em meio a uma sociedade em transformação, refletindo tanto as especificidades culturais e sociais coreanas quanto as influências do movimento feminista global, enquanto busca novas formas de promover a autonomia e igualdade para as mulheres coreanas (Moon, 2005).

3 Origens e conceitos do Movimento 4B

O Movimento 4B vai surgir na metade da década de 2010, dentro de um contexto específico de agitação dentro da sociedade sul-coreana, em grande parte causado pelo movimento “Me Too”, como já explicitado anteriormente. Seu nome é decorrente de uma homófona da palavra coreana bi (비), que basicamente significa “não”, representando os quatro pilares do movimento, sendo esses o não ao casamento com homens (비혼; bihon), o não às relações sexuais com homens (비섹스; bisekseu), o não ao namoro com homens (비연애; biyeonae), e o não ao parto (비출산; bichulsan). Todos esses pilares representam sintomas mais profundos decorrentes do contexto socioeconômico atual da sociedade coreana, no qual as mulheres estão cada vez mais se recusando a seguir as expectativas impostas sobre elas, mais específico casar e ter filhos, devido à deterioração das condições de vida no país, e a crescente alienação ideológica e política entre homens e mulheres. Em grande parte, o movimento vem crescendo devido a fóruns online, e não possui liderança ou organização oficial (Breen, 2024).

Essa procura pela desvinculação da mulher perante as expectativas da sociedade, principalmente no quesito da recusa ao casamento e ao parto, pode ser observada em diversos outros momentos históricos e sociedades, demonstrando a luta constante da mulher em tentar conquistar sua independência da figura masculina a partir da liberdade econômica. Movimentos

como o “Bachelor Girls”, visto nos Estados Unidos do século XIX, são uma boa representação da permeação desses princípios pela história. O movimento em questão buscava principalmente mudar a visão da sociedade americana da época sobre mulheres que decidiam não se casar, permitindo uma ampliação das oportunidades de estudo e carreira em áreas antes inacessíveis a essas. Esse momento foi marcado por mulheres solteiras morando sozinhas nas cidades, e possuindo independência financeira, conseguindo se sustentar a partir do próprio trabalho, marcando uma quebra de paradigma (Lee, 2020).

Além das múltiplas inspirações históricas presentes, podemos afirmar que o Movimento 4B foi fortemente inspirado por dois outros momentos relevantes para o movimento feminista sul-coreano, tendo nascido relativamente no mesmo período de 2016, esses sendo a publicação do romance “Kim Ji-young, Born 1982” e o surgimento do movimento de moda “Escape the Corset”. O romance, escrito por Cho Nam-Joo, acompanha as fases da vida de uma mulher coreana, evidenciando sua batalha entre conseguir se estabelecer como profissional e as expectativas sociais perante seu corpo. A obra expõe de maneira devastadora como Ji-young é eventualmente forçada pelas pressões a largar sua carreira para se tornar mãe, e como isso vai aos poucos deteriorando sua saúde mental, enquanto seu marido se recusa a se comprometer igualmente na criação de sua filha (Nam-Joo, 2016).

Em congruência, o movimento conhecido como Escape the Corset surgiu como um estilo de moda que buscava desvincular e emancipar a imagem da mulher dos padrões de beleza impostos pela sociedade sul-coreana. Para isso, são adotadas expressões físicas consideradas radicais para o contexto, como a cabeça raspada e o rosto sem maquiagem, indo diretamente contra as expectativas estabelecidas. O nome é derivado principalmente da simbologia restrigente do espartilho, peça notória por ser desconfortável e prejudicial à saúde, mas que teve seu uso historicamente perpetuado pela pressão masculina sobre o corpo da mulher. Apesar da peça ter entrado em desuso sua significância anti-feminista se perpetua até os dias de hoje, a partir da constante imposição da perfeição perante a mulher na sociedade, o que reflete diretamente nas práticas predatórias das indústrias de cirurgia plástica, dietas, rotinas de exercícios extremos, etc (Shin, Lee; 2022).

4 O Movimento 4B no contexto sul-coreano

As especificidades da sociedade coreana, especialmente no quesito das relações de gênero, refletem fortemente na formação de seus movimentos feministas, em particular o

Movimento 4B, tendo como marco principal a crescente animosidade entre homens e mulheres da nova geração. Como já exposto anteriormente, o movimento “Me Too” deu voz às mulheres coreanas, e permitiu com que as atrocidades cometidas contra elas fossem expostas de maneira generalizada pelo país. Esse cenário deixou explícito o crescente quadro de violência sexual dentro da sociedade sul-coreana, o que fomentou os movimentos feministas mais radicais, e contribuiu com a expansão do celibato entre mulheres solteiras. Tudo isso auxilia com as decedentes taxas de natalidade vistas na Coreia do Sul, que a partir de 2018 se tornou o país com a menor taxa de natalidade do mundo, atingindo índices não sustentáveis (Smith, 2020).

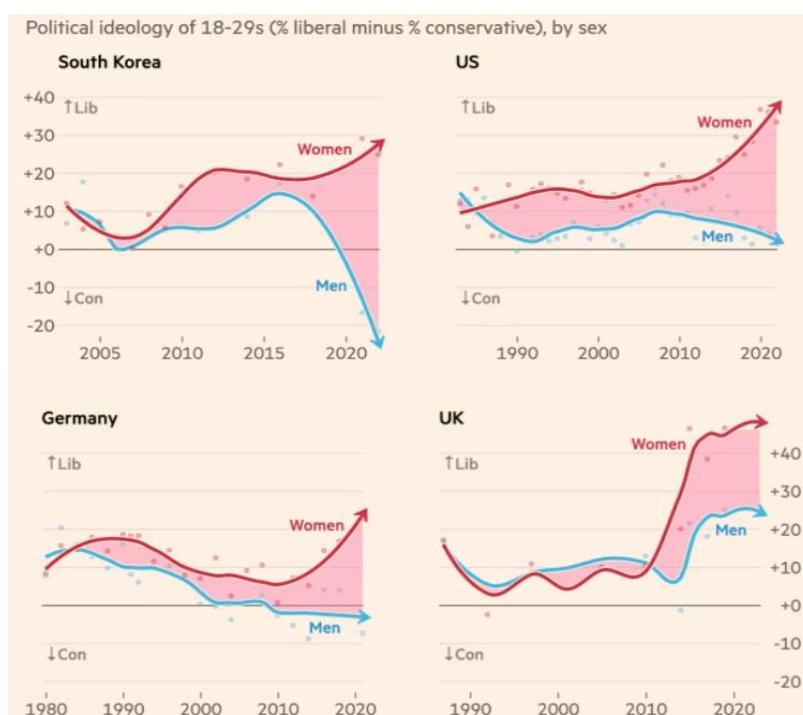
A divisão de gênero é agravada com a ascensão da disseminação de “deepfakes” explícitos pela internet, tendo como alvo principal atrizes e cantoras sul-coreanas, porém, afetando tão fortemente quanto mulheres e garotas anônimas. A maioria dos suspeitos que são investigados por esse tipo de crime são garotos adolescentes, que têm muitas vezes como alvo amigas, parentes e conhecidas, em sua maioria meninas menores de idade. Colocando em perspectiva, a polícia do país diz que de 387 pessoas detidas, 80 por cento eram meninos menores de idade. Em congruência, o Ministério da Educação publicou que, no ano de 2024 – até o momento de publicação da matéria, 03 de outubro – 800 estudantes haviam reportado para as autoridades a propagação de algum tipo de deepfake explícito com suas fotos (Kim, 2024).

O cenário tornou-se tão comum que muitas mulheres escolheram retirar todas e quaisquer fotos que possuíssem publicadas nas suas redes sociais, com medo de que essas poderiam ser deturpadas e usadas contra elas. A firma de cibersegurança estadunidense, Security Hero, afirmou que a Coreia do Sul foi, em 2023, o país mais alvo do uso de deepfakes explícitos. Esse quadro contribui para a alienação entre os gêneros dentro da Coreia do Sul, e a falta de reação apropriada por parte das autoridades devidas apenas assiste ao agravamento dessa situação. Em contexto, a partir de um levantamento de decisões de tribunais, foi-se observado que menos de $\frac{1}{3}$ das 87 pessoas acusadas desse crime, desde 2021, foram aprisionadas (Kim, 2024).

Os números abismalmente baixos de veredictos culpados refletem apenas uma parte do problema, que é a negligência do Estado em relação ao problema em mão. Nisso, se torna necessário também questionarmos o porquê, visto que a Coreia do Sul é o país com maiores números de deepfakes explícitos sendo produzidos e divulgados, os números de indiciados são tão baixo. Isso reflete um ponto chave do porque esses movimentos feministas mais atuais

adotam métodos tão absolutos. Em países ao redor do globo, uma lacuna ideológica vem se tornando mais explícita entre homens e mulheres jovens. Os movimentos feministas mais recentes, em especial o “Me Too”, foram um gatilho para a origem de valores mais feroces entre as mulheres, que se sentiram finalmente empoderadas para falar sobre injustiças estruturais. Na sociedade coreana, onde a misoginia ainda é normalizada, essa divisão política se mostrou de maneira mais clara. Nas eleições presidenciais de 2022, por exemplo, homens e mulheres de gerações mais velhas tenderam a votar em sintonia, já ao analisar o voto dos jovens, a discrepância se tornou clara. Os homens da Geração Z tenderam a apoiar o partido de direita, enquanto as mulheres tenderam a apoiar o partido de esquerda, em números quase iguais e opostos (Burn-Murdoch, 2024). A sociedade coreana se encontra dividida em duas, isso está muito bem refletido no gráfico a seguir:

Imagem 1 - Ideology gap between young men and women in countries across the world



Fonte: Burn-Murdoch, 2024.

O crescimento de ideologias liberais entre mulheres, e ideologias conservadoras entre homens, é uma tendência que pode ser observada nos quatro países tratados acima, porém, a divisão do posicionamento político entre os gêneros na Coreia do Sul é claramente mais

discrepante, por puro contraste visual. Essa desarmonia vai ser o ponto chave da caracterização dos movimentos feministas nesse país, e essa particularidade vai tomar a configuração de discursos cada vez mais radicais em ambos os lados. A ascensão do Movimento 4B tem de ser analisada dentro dessa lente da lacuna ideológica na sociedade coreana, para que esse fenômeno possa ser plenamente debatido e estudado.

5 Reações e controvérsias

Nesse contexto, o movimento 4B desencadeou diversas reações e críticas. Esse movimento pode ser, então, visto como uma tentativa de resistir à cultura confucionista que historicamente subjuga as mulheres a papéis restritivos e dependentes (Manek, 2023, p. 54; Kim, 2021, p. 76). Na sociedade coreana, que valoriza profundamente a pureza feminina e os laços familiares, a adesão ao movimento 4B representa um rompimento simbólico e prático com essas tradições, o que atraiu tanto apoio de jovens feministas quanto forte oposição de setores conservadores (Azenha, 2017, p. 29).

Entre as reações negativas, críticos conservadores argumentam que o movimento 4B mina os alicerces sociais fundamentais, como a família e o casamento, essenciais para a coesão e perpetuação da cultura coreana. Muitos veem o movimento como uma "ameaça ao bem-estar social" que desvirtua o papel tradicional da mulher como esposa e mãe, pilares da estabilidade familiar conforme os valores confucionistas (Manek, 2023, p. 50). Além disso, esse setor conservador alega que o movimento pode agravar a já baixa taxa de natalidade do país, problema frequentemente associado ao feminismo radical, segundo o discurso de figuras políticas anti-feministas, como o presidente Yoon Suk-yeol, que vêem as feministas como responsáveis por tal crise (Kim, 2021, p. 82).

Paralelamente, o movimento enfrenta críticas internas de outras feministas, que questionam a exclusividade e polarização que o 4B pode promover. Algumas feministas interseccionais criticam o movimento por focar em uma visão binária e excludente das relações de gênero, o que pode desconsiderar as experiências de grupos marginalizados, incluindo minorias LGBTQIA+ (Azenha, 2017). Para esses grupos, o 4B falha em incorporar uma perspectiva mais ampla e inclusiva de emancipação, reforçando a divisão de gênero em vez de promover um feminismo abrangente (Azenha, 2017, p. 43; Kim, 2021, p. 88).

Além disso, as redes sociais e a mídia desempenharam papéis significativos na propagação e polarização das reações ao movimento 4B. No cenário digital, mulheres que participam do movimento encontraram apoio e espaço para expressar suas frustrações em relação às normas patriarcais e ao assédio, ampliando o alcance de campanhas como "escape-the-corset" (Kim, 2021, p. 85). No entanto, a mídia coreana convencional frequentemente enfatiza os aspectos controversos e polarizados do movimento, promovendo uma visão que acentua os conflitos entre o movimento e os setores mais conservadores da sociedade. Essa abordagem midiática tende a distorcer as intenções das ativistas, reforçando percepções negativas do feminismo e ampliando a polarização entre os grupos de apoio e oposição ao 4B (Manek, 2023, p. 52).

A história das mulheres de conforto, tema de crescente atenção nas últimas décadas, também influencia as percepções sociais sobre os movimentos feministas. A luta das sobreviventes desse sistema, que mobilizou organizações feministas sul-coreanas desde a década de 1980, ilustra como as ativistas utilizam o passado colonial e suas experiências traumáticas como alicerce para reivindicar direitos e reconhecimento social (Azenha, 2017, p. 16). O apoio feminista às sobreviventes das "mulheres de conforto" e a crítica ao imperialismo japonês constituem um elemento adicional na compreensão das motivações feministas de ruptura com as normas patriarcais, às quais as mulheres ainda estão submetidas (Azenha, 2017, p. 17).

Assim, o movimento 4B não apenas representa uma resposta às restrições patriarcais, mas também demonstra a força transformadora dos movimentos feministas na Coreia contemporânea. Em um contexto onde o passado colonial e as normas patriarcais ainda reverberam fortemente, o movimento 4B reforça a necessidade de uma reflexão profunda sobre os valores sociais e as mudanças necessárias para a construção de uma sociedade verdadeiramente equitativa diante do sistema capitalista.

6 Impacto social e mudanças

O movimento 4B tem exercido uma influência significativa nas escolhas de vida de muitas mulheres coreanas, especialmente ao questionar os papéis tradicionais atribuídos à mulher na sociedade coreana. Ao propor uma vida independente de relações heteronormativas e familiares, o movimento tem incentivado mulheres a repensarem o casamento, a maternidade e outras convenções sociais. Esse impacto é perceptível entre jovens coreanas, que estão cada

vez mais optando por não seguir caminhos tradicionais, como o casamento e a criação de filhos, em busca de maior liberdade e autonomia pessoal (Kim, 2021, p. 84). Em contraste com as gerações anteriores, muitas mulheres enxergam essas escolhas como uma forma de resistir à opressão social e econômica historicamente imposta, alimentada por uma cultura confucionista que valoriza o papel doméstico e subordinado da mulher (Manek, 2023, p. 51).

Essa mudança nas escolhas pessoais está acompanhada de uma transformação cultural mais ampla na percepção do casamento e da maternidade. O casamento, que antes era visto como um marco essencial na vida de uma mulher, passou a ser percebido como uma opção, e não como uma obrigação. Esse cenário também reflete o impacto dos movimentos feministas na Coreia, que a décadas lutam para que as mulheres tenham autonomia sobre suas próprias vidas e escolhas reprodutivas. Como resultado, a maternidade também é vista com maior cautela, e algumas mulheres decidem evitá-la devido às pressões financeiras e sociais associadas, e a falta de apoio governamental para mães trabalhadoras (Azenha, 2017, p. 35; Kim, 2021, p. 89).

O movimento também contribui para uma queda nas taxas de natalidade, pois as mulheres que aderem ao movimento muitas vezes decidem não ter filhos, buscando preservar sua independência pessoal e financeira. Essa recusa, combinada com a crescente tendência de não se casar, tem agravado o problema da baixa natalidade na Coreia do Sul. Esse cenário representa um desafio econômico e social para o país, que enfrenta uma população envelhecida e uma força de trabalho reduzida, dificultando o crescimento econômico e a sustentabilidade de políticas públicas (BBC, 2024).

A influência do movimento 4B se estende além das escolhas individuais e permeia a cultura popular e a economia. Na cultura popular, a resistência ao casamento e à maternidade tem encontrado expressão em produções de entretenimento, como filmes, séries e programas de variedades, que abordam a independência feminina e questionam os estereótipos de gênero. Personagens femininas independentes e bem-sucedidas se tornaram mais comuns na mídia, refletindo e reforçando as aspirações de mulheres que se identificam com o movimento (Manek, 2023, p. 54).

No setor de moda, a influência também é notável. A moda coreana tem adotado estilos que rejeitam os padrões tradicionais de feminilidade, como o movimento "escape-the-corset", que defende a liberdade de escolha em relação aos padrões estéticos e promove uma imagem

de mulher que se define por si mesma, e não pelo olhar masculino (Kim, 2021, p. 82). Essa tendência reflete uma crítica à cultura de beleza que exige que as mulheres coreanas se submetam a intensos cuidados estéticos, como o uso de maquiagem pesada e intervenções cosméticas. O movimento também impactou o mercado de consumo, pois muitas mulheres têm preferido investir em produtos e experiências que promovam seu bem-estar pessoal e independência, em vez de itens que reforcem papéis convencionais de gênero (Azenha, 2017, p. 42).

Economicamente, o 4B começa a impactar setores como o de casamentos, que vem sofrendo declínio em razão do aumento de mulheres que optam por não se casar. Esse fenômeno gera implicações para a indústria de produtos e serviços voltados para casamentos e eventos familiares, que precisa se adaptar às novas demandas de um público feminino cada vez mais focado em experiências pessoais e independentes. Além disso, o mercado de entretenimento tem se beneficiado com uma audiência interessada em narrativas que refletem a liberdade feminina, resultando em uma diversidade maior de conteúdos (Manek, 2023, p. 58).

Logo, nota-se que o protesto em questão, portanto, representa não apenas uma mudança nas escolhas de vida das mulheres coreanas, mas também um impacto significativo na cultura e na economia da Coreia do Sul. Ele desafia valores patriarcais profundamente enraizados e aponta para um futuro onde as mulheres possam moldar suas próprias identidades e estilos de vida, (BBC, 2024).

7 O futuro do feminismo e do Movimento 4B na Coreia do Sul

O livro de Elisabeth Prügl, *The Global Construction of Gender* (1999), analisa como o gênero opera como uma "instituição" que codifica o poder em diferentes níveis da política global. Ela argumenta que a política de gênero permeia a política mundial, criando um conjunto de regras baseadas na linguagem sobre como os estados interagem entre si e com seus próprios cidadãos (Dunne, 2016, p. 210).

Assim como Prügl aponta o papel das construções de gênero na sustentação de hierarquias de poder, o movimento 4B critica a expectativa de que as mulheres sejam protegidas e confinadas a papéis "naturais" de cuidadoras, cujas identidades são moldadas pela necessidade de atender às demandas de uma estrutura patriarcal. No contexto coreano, essa divisão é visível nas campanhas estatais que promovem o casamento e a maternidade como

formas de contribuir para a economia e para o desenvolvimento nacional, o que o movimento 4B contesta ao encorajar as mulheres a redefinirem suas vidas fora dessas normas (Prügl, 1999).

Além de que a pobreza desigual vivenciada pelas mulheres coreanas não pode ser atribuída apenas à dinâmica do mercado; em vez disso, as expectativas sociais em relação ao valor econômico do trabalho das mulheres e os papéis específicos que elas devem exercer, têm um impacto significativo em sua instabilidade financeira e na dinâmica social (Dunne, 2016, p. 215).

Porém, apesar dos esforços de ativistas e movimentos sociais, o futuro do feminismo em uma sociedade conservadora continua incerto. A eleição de Yoon Suk-yeol, onde se observou a mudança de uma postura de apoio ao feminismo para uma linha antifeminista, exemplifica como o progresso social pode oscilar entre avanços e retrocessos (Seo, 2024).

A escolha de um presidente como Yoon Suk-yeol e suas promessas de dissolver o Ministério da Igualdade de Gênero e da Família e criar campanhas para incentivar o casamento precoce, como o Plano para a Sociedade de Envelhecimento e População – que expõe a visão do governo sobre o papel das mulheres como meros agentes reprodutivos – indicam um avanço para as políticas conservadoras, o que pode minar a possível expansão do movimento 4B e perpetuar as desigualdades (Khil, 2022).

No entanto, caso o movimento 4B consiga consolidar-se e atrair mais mulheres jovens dispostas a questionar o sistema patriarcal, ele tem o potencial de se transformar em uma força significativa para mudanças sociais e legais. Com sua crescente influência nos setores econômicos de moda e audiovisual, o 4B não apenas desafia as normas tradicionais, mas também contribui para uma nova representação das mulheres coreanas na cultura popular. Esse movimento, ao impulsionar personagens femininas independentes e estilos que fogem ao padrão tradicional de feminilidade, abre portas para que mais mulheres questionem o papel social que lhes é imposto, reforçando um feminismo que valoriza a autonomia e a identidade individual (BBC, 2024).

A contracorrente estabelecida pelo 4B no mercado e na mídia revela, portanto, um potencial significativo para transformar as percepções sociais, o que pode, eventualmente, pressionar por mudanças estruturais, apesar dos obstáculos institucionais impostos por um governo conservador. Esse crescimento poderia impulsionar o feminismo digital e as redes

sociais, criando espaços de resistência política e cultural que pressionam por reformas legais essenciais, como melhorias nos direitos reprodutivos e igualdade salarial (BBC, 2024).

O futuro do movimento 4B dependerá de sua capacidade de adaptar sua mensagem às novas gerações de mulheres e de superar as resistências políticas e sociais. Se o movimento continuar a crescer e a ganhar apoio, ele pode impulsionar mudanças significativas, tanto no nível das políticas públicas quanto na transformação das normas sociais que limitam as mulheres na Coreia do Sul. Caso contrário, poderá enfrentar um retrocesso significativo, com o enfraquecimento de sua influência e a consolidação de uma agenda anti-feminista dominante (Khil, 2022).

8 Considerações finais

Este estudo buscou entender o significado do feminismo no contexto da Coreia do Sul contemporânea, examinando variáveis como o histórico do movimento feminista, a situação socioeconômica atual, as mudanças nas forças políticas e o impacto da era digital. Através de uma análise contextual das condições históricas que moldaram o feminismo na Coreia do Sul – desde os movimentos femininos durante o regime autoritário, a transição democrática e o período pós-ditatorial no século XXI –, foi possível compreender melhor o ressurgimento do movimento feminista coreano nos últimos anos.

O movimento 4B representa uma transformação significativa no feminismo coreano e nos papéis de gênero dentro da sociedade sul-coreana contemporânea. Surgido em resposta ao crescente desconforto das mulheres em relação às normas tradicionais de gênero e às expectativas impostas pela cultura confucionista, o 4B desafia práticas enraizadas como o casamento, a maternidade e os relacionamentos heteronormativos, propondo uma emancipação feminina baseada na recusa dessas convenções. Essa postura radical reflete uma nova geração de feministas que, insatisfeitas com a lentidão das reformas e a persistência da misoginia estrutural, buscam alternativas de vida que lhes permitam a autonomia e independência.

A importância do movimento 4B pode ser compreendida a partir de suas origens históricas e sociais. Ele se desenvolve em um cenário de crescente descontentamento com a desigualdade de gênero, que já havia sido amplamente exposta pelo movimento “Me Too” e pela literatura feminista, como em *Kim Ji-young, Born 1982*. Este romance exemplifica a opressão silenciosa enfrentada por mulheres na sociedade coreana, ressoando fortemente com

as experiências de muitas mulheres e evidenciando a necessidade de alternativas de vida que não se subordinem ao controle patriarcal. Movimentos como o "Escape the Corset" igualmente contribuíram para esse contexto, ao desafiar os rígidos padrões de beleza e sugerir novas expressões de identidade feminina que escapam às imposições estéticas e comportamentais.

O impacto do movimento 4B se manifesta de forma ampla e profunda, tanto na esfera pessoal quanto social. Para muitas mulheres, ele oferece um caminho para escapar da pressão social de seguir o roteiro tradicional de casamento e maternidade, o que, por sua vez, incentiva uma geração de jovens a reconsiderar e redefinir suas prioridades e objetivos. O movimento desafia diretamente o papel de gênero restritivo e demonstra que a independência e a autonomia podem ser escolhas válidas e respeitáveis. Esta nova postura é um reflexo da insatisfação generalizada das mulheres sul-coreanas com as condições impostas por um sistema que valoriza a submissão e o sacrifício em prol da família e que ainda falha em prover políticas públicas de suporte à mulher trabalhadora.

Contudo, o movimento também suscita debates intensos e controvérsias. Os críticos mais conservadores argumentam que a recusa ao casamento e à maternidade representa uma ameaça à coesão social e à continuidade cultural da Coreia, que historicamente depende de valores familiares profundamente arraigados. Ademais, as baixas taxas de natalidade no país intensificam essas preocupações, já que o movimento 4B contribui para o declínio populacional ao desencorajar escolhas reprodutivas e relacionamentos. A resistência governamental em reconhecer a relevância dessas demandas é evidente nos baixos índices de punição para crimes de violência de gênero, como a distribuição de "deepfakes" explícitos, um problema grave que afeta negativamente a vida de milhares de mulheres e simboliza o ambiente hostil que ainda predomina.

A complexa relação entre os avanços feministas e a estrutura social e política da Coreia do Sul é um tema que transcende o próprio movimento 4B. Ao reconfigurar o que significa ser mulher em uma sociedade profundamente hierarquizada e patriarcal, o movimento reforça a necessidade de se repensar os valores e as instituições que sustentam essa hierarquia. Em um contexto onde o debate sobre o papel da mulher é permeado por valores confucionistas e onde os homens da Geração Z tendem a abraçar posturas conservadoras em oposição ao feminismo, o movimento 4B expõe a crescente lacuna ideológica entre os gêneros. Essa polarização, já evidente nas eleições presidenciais de 2022, reflete uma sociedade dividida em que as mulheres,

cada vez mais, buscam expressões de resistência que se alinham aos seus anseios por liberdade e justiça.

Finalmente, a ascensão do movimento 4B não deve ser vista apenas como uma reação a práticas tradicionais, mas como uma expressão da força renovada do feminismo coreano que luta por justiça e equidade em um sistema que ainda marginaliza suas vozes. O 4B, ao dar espaço para novas formas de viver e repensar o futuro, abre caminho para que as mulheres coreanas explorem modelos de emancipação mais amplos e complexos. Essa postura desafiante demonstra que, mesmo em face de resistência, a luta pela autonomia continua a se reinventar, inspirando reflexões sobre o valor da liberdade e da independência feminina no contexto de um sistema patriarcal capitalista.

Referências

AZENHA, Tatiana Sofia Fonseca. **Para Além do Silêncio: O Sistema de Conforto e o Papel dos Movimentos Feministas na Questão das Mulheres de Conforto na Coreia do Sul (1905-2015)**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica Portuguesa, 2017.

BBC News Brasil. **Queda na taxa de natalidade da Coreia do Sul se aprofunda com movimentos feministas como o 4B**. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cw54y440gv0o>. Acesso em: 9 nov. 2024.

BREEN, Kerry. What is the 4B movement?: Why some are calling for a South Korean-inspired trend after Trump's victory. **CBS News**, [S. l.], 7 nov. 2024. Disponível em: <https://www.cbsnews.com/news/4b-movement-south-korea-united-states-election-trump/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

BURN-MURDOCH, John. A new global gender divide is emerging. **Financial Times**, [S. l.], 26 jan. 2024. Disponível em: <https://www.ft.com/content/29fd9b5c-2f35-41bf-9d4c-994db4e12998>. Acesso em: 11 nov. 2024.

DUNNE, Tim; KURKI, Milja; SMITH, Steve. *International relations theories: discipline and diversity*. 4. ed. Oxford: **Oxford University Press**, 2016.

KIM, E. (2021). *South Korean Feminism: Challenges and Conflicts in a Conservative Society*. **Journal of Korean Studies**.

KIM, Hyung-Jin. In South Korea, rise of explicit deepfakes wrecks women's lives and deepens gender divide. **PBS News**, [S. l.], 3 out. 2024. Disponível em: <https://www.pbs.org/newshour/world/in-south-korea-rise-of-explicit-deepfakes-wrecks-womens-lives-and-deepens-gender-divide>. Acesso em: 11 nov. 2024.

KHIL, Sungha. Distorted Feminism as a Political Tool for South Korean Conservatives. **Yale Journal of International Affairs**, 2022. Disponível em:

<https://www.yalejournal.org/publications/distorted-feminism-as-a-political-tool-for-south-korean-conservatives>. Acesso em: 10 nov. 2024.

KWON, I. (2009). Women's Rights and the Development of the Feminist Movement in South Korea. **International Journal of Korean Studies**.

LEE, H., HAN, S. (2019). The Impact of the "Me Too" Movement on South Korean Society. **Korean Journal of Social Issues**.

LEE, Karen. How Victorian "Bachelor Girls" Revolutionized America's View of Single Women. **Newspapers.com**, [S. l.], 11 fev. 2020. Disponível em: <https://blog.newspapers.com/bachelor-girls/>. Acesso em: 11 nov. 2024.

325

MOON, S. (2005). Gender and Modernity in South Korea: Women in the Workforce and Feminism. **Stanford University Press**.

NAM-JOO, Cho. **Kim Ji-young, Born 1982**. [S. l.: s. n.], 2016.

PRÜGL, E. (1999), The Global Construction of Gender: Home-based Work in the Political Economy of the 20th Century (New York: **Columbia University Press**).

SEO, Hailey. Feminism in South Korea. **The Yale Globalist**, 24 jan. 2024. Disponível em: <https://www.theglobalist.com/pendulum/2023-2024/feminism-in-south-korea/>. Acesso em: 10 nov. 2024.

SHIN, Yeongyo; LEE, Selee. Escape the Corset: How a Movement in South Korea Became a Fashion Statement through Social Media. **Sustainability**, [s. l.], 15 set. 2022. Disponível em: <https://www.mdpi.com/2071-1050/14/18/11609>. Acesso em: 11 nov. 2024.

SMITH, Nicola. War of the sexes in South Korea as novel becomes feminist handbook. **The Telegraph**, [S. l.], 29 fev. 2020. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/news/2020/02/29/war-sexes-south-korea-novel-becomes-feminist-han>